

## CAPÍTULO I

A janela tinha ficado aberta durante a noite, não como um hábito saudável e vagamente implorante, como se da noite viesse qualquer espécie de transformação. Um ente espacial, por exemplo, navegando na galáxia, explorando os portos do desconhecido. Mas havia outro motivo por que ele sacrificava a escuridão necessária à sua insónia povoada de imagens grotescas que lhe ficavam da época ultramarina, como um botão de casaco mal arrancado, pendente do fio já gasto. Ele, João Baptista Pinheiro, não podia dispensar ainda o rumor florestal e a vida que ele transmitia. Era o caso que o seu modesto albergue, onde vivia agora como inquilino dum alfaiate modesto, tinha defronte a mansão dos Robim, com o grande parque verde que, na manhã chuvosa, parecia um desiludido tema para uma sinfonia, dessas que são tocadas em recitais de Verão para senhoras velhas e que dormem inocentemente com Ravel e Debussy.

João levantou-se depressa e fumou um cigarro. O cheiro evaporou-se com as rajadas frescas que varriam o quarto. Ele tremia e tinha um ar doentio; o crestado da pele já desaparecido, lívido na moldura da barba rala e encaracolada. Não era propriamente um homem bonito; tinha nariz curto, o que lhe causava mal-estar, como se exibisse a prova duma doença. Essa contrariedade estimulava nele o sentido erótico e era uma forma de desilusão que se reprime com paixões despidas de culpa. As mulheres eram atraídas por ele com uma espécie de frenesim passageiro que se permitiam como uma breve pausa nas virtudes. De facto, João era de certo modo a encarnação dum fauno e explorava isso com algum jeito. No fundo era

bom homem, mas incapaz de o demonstrar, a não ser na obra de artista: a escultura e o desenho. No resto, era imprevisível e mal compreendido.

Nesse tempo começava apenas a carreira, e voltava da viagem colonial com a candura própria dos que escapam a uma série de más experiências e se julgam credores dum preço qualquer, a pagar pelo destino. Queria trabalhar e ter sucesso, vencendo rapidamente a sua história de pequeno-burguês arrependido.

Olhou para os muros cor-de-rosa da propriedade dos Robim que sempre tivera diante do quarto de estudante. Podia ver duas faces da casa, enorme, asséptica e silenciosa, desenhada no estilo Bauhaus e para cuja decoração tinha contribuído Lalique e outros assim. A casa era-lhe antipática, mas interessava-lhe. Raramente podia ver alguém dos que lá moravam, mas sabia que tivera dois proprietários. Um banqueiro com as filhas, duas mulheres muito formosas que tocavam sofrivelmente violino, ou celo (não tinha ideias seguras a respeito disso), e um titular excêntrico que casara abaixo da sua condição. Este era ainda o proprietário da casa, embora raramente lá vivesse. O casamento fora estéril e o casal viajava muito pela Europa, preferindo as moradas frente ao mar, em especial a de Biarritz, uma espécie de castelo com esplanadas altas donde se dizia que durante a guerra de 14 se transmitiam mensagens aos submarinos alemães. João Baptista (chamado entre os íntimos Fra Angelico, pelo aspecto fradesco que tomava) conhecia o conde de Robim, de relance dos raros momentos em que o via sair ou entrar no automóvel, magro, discreto e vestido de cinzento médio. A mulher era totalmente apagada, ainda que em tempos reconhecida como um modelo de virtude e de beleza. Era filha duma modista e tinha um porte de princesa. Robim escolhera-a simplesmente como algo que condizia com a casa, um objecto saído do génio artesanal da Viena arte nova. Ela era longa e espiritual, uma mulher-corola, em espiral, simbolizando uma espécie de degradação da fecundidade. João lembrava-se dela com emoção, mas nunca sentira curiosidade em vê-la de perto. Um dia ela sorriu, quando ergueu os olhos, pronta a entrar na *limousine* de estofos vermelho cardeal, e deu com o seu vizinho João Pinheiro à janela. Com os cabelos em anéis e o ar amuado, algo nele a enterneceu, porque se riu, docemente, com alguma cum-

plicidade. Ele sentiu-se ofendido. Não gostava de ser alvo de afecto, mas sim de inquietar as mulheres. «Olha que parva!» — pensou. Não retribuiu o sorriso, até ficou mais carrancudo e desinteressado. Mas ocorreu-lhe depois que a condessa (Verónica, era o nome dela) podia ser uma auxiliar da sua carreira que se via comprometida pela pobreza e falta de relações. Em todo o homem novo e ambicioso há uma inclinação à prostituição do gosto, para atingir os objectivos do temperamento. Todavia, esqueceu Verónica, tanto mais que raramente a via e podia avaliar os progressos desse encontro. O que ele não dizia é que a condessa, a antiga Colette da Rua do Almada, fora o primeiro amor da sua vida.

João habitava na freguesia de Lordelo do Ouro, lugar não há muito tempo ermo em que se traçou o caminho da Foz, arborizado e percorrido pelos eléctricos amarelos. Em pouco tempo rasgaram-se as avenidas nobres e construíram-se vivendas luxuosas. A Marechal e a Boavista ficaram a significar a refrega que a cidade trata com a província, e as famílias mais desafogadas edificaram ali as suas moradias, algumas de grande fachada e com jardins bem tratados. Não tinham, é certo, a confortável gradação floral dos jardins ingleses, com as suas japoneiras e rododendros escoceses; mas apresentavam uma boa visão do parque em miniatura, tendo árvores de fruto em profusão, porque o Porto é calculador mesmo quando é poeta. Lordelo ficou uma área bilingue, com as quintas britânicas de belo acontecimento paisagístico; e com as gloriosas mansões de novos-ricos debruadas de sacadas e de escadarias de opereta. Pareciam em tudo cenários de teatro diante dos quais se podiam passar os dramas de Ibsen.

Por outro lado, as vielas de acesso à Foz persistiram, esmagadas pelos muros de propriedades grandiosas como a dos Robim. Muros lisos, rapados, sem a grosseira mensagem de bordadura de cacos de garrafas e sem lanças de ferro ou qualquer espécie de gradeamento. Eram simplesmente limites dum retiro, e o portão de duas folhas não deixava vislumbrar o interior nem espevitava a curiosidade. Ao longo dessas ruelas tortuosas, onde alguma fábrica de panos ainda funcionava (os Robim eram fabricantes de tecidos e de linhas para coser), levantavam-se casas modestas, de face espelhada de azulejos; mas tão poeirentas que pareciam pintadas de ocre. Ali viviam

famílias honradas mas sem recursos de maior, como gente do professorado e de ofícios nobres: alfaiates e reformados com carteira de seguros como última profissão. Algum caixeiro-viajante de tintas e papéis de parede tinha por perto uma horta com morada térrea onde criava uma filha com austeridade e com amor. Ela seria mais tarde a feliz herdeira duma soma avultada quando a propriedade, com a expansão da cidade, atingisse um valor inesperado.

Vilarinho, Lordelo e a zona de Marechal não eram intelectuais. Em Matosinhos, sim, fixara-se uma colónia mais letrada, médicos e professores que constituíam as sobras do regime monárquico e que a República deixara praticamente na miséria. O 28 de Maio viera adoçar o seu destino, mas em geral morriam pobres, com um braço de filhos que eram toda a sua fortuna. Eles tiveram acesso aos lugares públicos com relativa facilidade, até porque na pobreza se tinham cultivado e a cultura fora a sua maneira de preparar uma candidatura e de forçar o poder.

João Baptista era exactamente um filho menor dessa casta intelectual e sombria, constituída pelos altos funcionários relegados ao anonimato pela viragem política. O pai tivera um cargo importante na corte e durante muito tempo ensinara algumas disciplinas de pouca responsabilidade num colégio de padres. João frequentara o colégio sempre em regime de favor, o que desenvolvera nele uma disposição agressiva. Mas, no fundo, havia nele uma queixa mais dolorosa. Entre os cinco irmãos, constava que ele era bastardo. Fruto de amores tardios dum pai rigoroso e com estranho sentido do dever exasperado pelas condições do seu infortúnio cívico, fora retirado à mãe ao nascer e criado na família legal. Rejeitado cinco vezes, pelos irmãos, além da esposa legítima, João adquirira uma espécie de ferocidade que se traduzia pelo humor desesperado. Era um artista, e o pai teve de reconhecer-lhe o talento e a fibra de ganhador.

— Vais longe, mas à custa da decência que é trabalhar e não dar na vista. Fiz de ti um celerado, à falta de poder fazer de ti um homem — disse-lhe.

«As coisas são como são, não se preocupe. Agradeço-lhe na mesma o ter-me trazido para casa. Nem todos têm a sorte de ser pródigos desde que nascem.» João pensou que dissera isto, mas não o disse. Temia o pai e tinha razões para isso.

O feitio cínico de João afligia o velho professor Aquiles Baptista Pinheiro, mas não lhe prestava muita atenção, ocupado como estava em sobreviver no meio da sua colónia de desterrados do regime. A vida era dura e ele dificilmente conseguia manter em boas condições a família e os ideais. Não era o único nesses apertos de fome e honra esquecida. Outros ganhavam como ele um pão seco e que lhes sabia a fel se pensavam na antiga abundância. Pertenciam à classe eminente que sempre soçobra com as convulsões da economia e da política. Os conselheiros do reino e os altos funcionários retiraram-se para a província com os seus haveres e a prole numerosa, vergados a um destino que, por ser ainda dourado, os tornava parte duma lenda. Mas Aquiles Pinheiro, com os feios filhos desvitaminados e uma criada surda, só tinha de patético a figura curvada e rastejante e um olhar frio que imobilizava qualquer réplica. O seu lado secreto era o da esperança nos passos vãos da vida; uma indefinível paixão pelas coisas que se eternizam só porque o homem as ama e as confunde com a sua própria viabilidade. No resto, era tão cruel como os que gastaram até ao fio a indumentária da simpatia humana. A luxúria levava-o a ter amores extraconjugais com uma mulher mais nova que pariu uma criança e o deixou para casar. De todos os modos, Aquiles Pinheiro acabou por ocupar-se do filho de maneira pedagógica, se não paternal. Esta medida foi infernal para o pequeno João, de repente arrancado à mãe, que era calorosa, ainda que muito gritadora e sem educação. Tinha quatro anos, e viu-se num lar assediado pela fome, onde todas as migalhas eram contadas e onde o estudo correspondia a uma carreira de tiro. Saber era uma forma de abater o inimigo, uma forma de assaltar a grande caravana dos bens humanos que passava, pelo menos uma vez na vida, ao alcance da mão. Por isso, tremendo nas suas roupas gastas, que passavam dos mais velhos aos irmãos seguintes, todos tomavam o caminho dos colégios onde o pai leccionava e mantinha um contrato de pagamento que reduzia as propinas. Estudavam como frades nas suas celas, as mãos roídas de frieiras e breves alucinações de comida abundante. Filhos legítimos eram cinco, sendo Lavínia a mais inteligente, discreta e com uma arte de confabulação que parecia pura política. Foi preceptora na casa abastada do conselheiro Carvalhal, que tinha onze filhos e inúmeros netos repartidos pelos torreões do palacete da Foz.